

PERANTE A PERSPECTIVA DO MEDO, MANTENHAMOS A FÉ EM DEUS



O maior temor de quem tem emprego, hoje, é perdê-lo. A demissão é traumática, sem dúvida, e para muitos é mais trágico, ainda, do que ficar viúvo ou divorciado, consoante estudo divulgado, recentemente, na Alemanha. Durante 20 anos, a pesquisa analisou o nível de satisfação de centenas de alemães. O estudo apontou uma tendência em que o nível básico de felicidade de uma pessoa comum, essencialmente, permanece o mesmo durante toda a vida adulta.

Em outra pesquisa, realizada com trabalhadores de várias empresas, afastados por distúrbios psíquicos, foram observadas "as manifestações do desgaste mental no

trabalho e identificadas as várias conexões entre a vida laboral e as condições gerais de vida. Dentre esses aspectos, o medo surgiu como fator importante de avaliação, já que a sanção mais temida, por todos os funcionários afastados, era a demissão".(1) Há outros estudos que fazem referências ao processo psicológico chamado "adaptação" - forma como os seres humanos ajustam seu humor a novas circunstâncias - boas ou más. Yannis Georgellis, da Universidade de Brunel, na Inglaterra, que participou da elaboração de um determinado estudo, "disse que suas conclusões sugerem que o velho ditado de que 'o tempo cura tudo' pode ser verdadeiro em muitos casos." (2) O seu estudo reforça a tese de outros trabalhos que dizem que as pessoas se recuperam de acontecimentos negativos, rapidamente. "Há alguma literatura sobre pessoas que se tornaram paraplégicas que, quando entrevistadas poucos anos depois, tinham níveis de felicidade similares aos de pessoas que não foram afetadas desta maneira." (3) Da mesma forma, "há estudos

de pessoas que ganharam na loteria que não são mais felizes no longo prazo". (4)

Uma situação de crise econômica e agravamento da insegurança, como nos dias de hoje, alteram as relações sociais, sobretudo no trabalho. Há, nessa conjuntura, uma relação entre o social e o trabalho, e o sujeito na organização será afetado por isso, aumentando seu medo e sofrimento.

Estudos afirmam que, numa grande empresa ou empresa supermoderna, só existe lugar para superempregados, que devem ser super-homens: bonitos, felizes, altamente qualificados, que não cometem erros, enfim, perfeitos e isso já é uma superparanóia. Essas fobias coexistem com a culpabilidade, pois, dificilmente, o trabalhador estará à altura das exigências da organização e do ideal que se procura atingir. Destarte, o indivíduo, nas organizações, vive o sonho de onipotência e perfeição, e a empresa, obviamente, sabe lidar com essa fragilidade a seu favor, cobrando, cada vez mais, num processo vil

de robotização, da consciência dos mais frágeis (os empregados). Nesta sociedade alucinada pelo ter e não pelo ser, facilmente, o medo instala-se nos temperamentos frágeis, nas constituições emocionais de pouca resistência, de começo no indivíduo, depois na sociedade.

"O excesso de tecnologia gerou ausência de solidariedade humana, que provoca uma avalanche de receios." (5) O modelo de relação de trabalho atual é cruel. O sujeito que, dentro da organização, assiste a diversas demissões, vê vários de seus colegas serem "despedidos", e que tem medo de ser a próxima vítima, sabe que a falta de proteção é uma das causas de sua angústia. Em verdade, o mercado é volátil. Histórias de desemprego de longa duração e de situações em que o trabalhador não consegue mais voltar para o mercado formal se repetem. Diante dessa perspectiva, cada indivíduo deverá se preocupar com a sua segurança, rompendo com os laços emocionais, exaltando o individualismo e aumentando a competição

dentro da empresa.

Nessa situação de instabilidade sociopolítica e econômica, é comum os trabalhadores não se lembrarem de Deus, mas, urge reconhecer que o Criador não esquece os trabalhadores, cujas atividades dignas desenvolvem os valores reais do Espírito. Deus a todos estende sua misericórdia. É bem verdade que Ele nos dá respostas que nem sempre correspondem às nossas expectativas. Senão, vejamos: Pedimos o que desejamos, mas Deus nos dá o que precisamos.

Os "tempestades" (tempestades e furacões) da experiência humana simbolizam as advertências do Criador, ensejando-nos mudança de rumo. Simonetti lembra que "A doença respiratória, o lar em desajuste, a dificuldade financeira, a perda do emprego, o acidente automobilístico, são situações constrangedoras que nos perturbam.

Pedimos a ajuda divina. Deus vem em nosso auxílio, mas é preciso que nos disponhamos a tomar o barco do futuro, deixando, no passado, velhas tendências.

Podemos considerar, na mesma seqüência, que: O tabagismo afeta os pulmões. A incompreensão conturba o relacionamento afetivo. A indisciplina nos gastos faz rombos nas contas. A displicência profissional resulta em demissão. A irresponsabilidade no trânsito favorece desastres". (6) (grifamos)

A pouca disposição de encarar nossos erros e desacertos, como causa de nossas dificuldades e problemas, neutraliza a ação divina em nosso benefício. As crises sugerem mudanças. Se não mudamos com elas, sempre nos sentiremos abandonados por Deus, incapazes de identificar o socorro divino. Ficar livre do medo? Eis aí o âmago da questão, pois o temor é desarmonia e desintegração emocional. O medo não existe só sob uma sensação de ser punido, de perder o emprego, do insucesso, mas o temor do próprio medo. O medo é um sentimento de grande inquietação, quando estamos diante de um perigo real, um perigo imaginário ou uma ameaça. É, portanto, um sintoma de insegurança,

proveniente da falta de fé em Deus, em certas situações da vida, mas que precisam ser bem trabalhadas na mente cristã.

Para nós, estudiosos do Espiritismo, a solução para o medo é, sem dúvida, "a fé que remove montanhas", mostrando-nos o rumo da vitória. É, igualmente, a certeza da reencarnação, a certeza de que a vida terrena não é mais do que um longo dia perante a eternidade real da vida do Espírito. Somos seres pensantes e imortais e, ante essas verdades, podemos enriquecer a nossa atividade mental, indefinidamente, rumo aos objetivos superiores. Podemos desenvolver recursos que nos conduzam a um relacionamento humano e social, através do trabalho solidário e fraternal, aprendendo a entender as dores e angústias dos nossos companheiros, a ter compaixão, e, finalmente, "a amar o próximo como a nós mesmos". Fundamentalmente, a fé deve apoiar-se na razão, para não ser cega. Por isso fé não é um "dom" fornecido por Deus para alguém em especial, seja por essa ou aquela atitude exterior, mas sim o produto

da nossa conquista pessoal na busca da compreensão do caminho correto, das verdades que permeiam a essência das nossas próprias vidas, por meio do conhecimento, da vivência da experiência, das reflexões pessoais e pelo esforço que fazemos em modificar-nos para viver com mais amor... por entender que o amor é a causa e cada vez mais precisa ser o efeito da vida.

Na mensagem do Mestre, aprendemos a lição de otimismo vivo, fator psicológico esse capaz de renovar nossos pendores, obstando que o medo, a depressão e a angústia se apossem de nossa mente. Se algum trabalhador perde o emprego, ou se os amigos o abandonam, outras oportunidades surgirão, outros amigos estarão presentes. "E o dínamo gerador deste otimismo é a fé. Se a situação for tão aflitiva que não observamos a saída, confiemos e sigamos em frente com alegria, pois a vida eterna está a nossa frente, e jamais estará só aquele que contribui para a construção do reino de amor e paz." (7)

Confiemos, plenamente, na Inteligência Suprema que, providencialmente, administra a vida, sabendo que Ele, a Causa primeira de todas as coisas, é Soberanamente Bom e Justo, e que nos seus estatutos não há espaços para injustiças. Certamente, agindo assim, ao olharmos para trás, teremos uma percepção diferente dos fatos que nos aconteceram e perceberemos que todas as experiências, boas ou más, cooperaram para o nosso bem, mediante as quais o ser progride sempre!

Jorge Hessen

E-Mail: jorgehessen@gmail.com

Site: <http://jorgehessen.net>

FONTES:

1 Castelhana , Laura Marques. O MEDO DO DESEMPREGO E A(S) NOVA(S) ORGANIZAÇÕES DE TRABALHO, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, disponível em

<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n1/a03v17n1.pdf> acesso em 08-10-08

2 Disponível em acesso em 09/10/08

3 idem

4 idem

5 Helena, Rejane de Santa. Artigo intitulado "Medo" publicado na Revista Eletrônica O Consolador, Ano 1 - N° 7, 2007

6 Simonetti, Richard. Abaixo a Depressão, SP: 4ª Ed. Ed. CEC (págs. 107 a 111)

7 Helena, Rejane de Santa. Artigo intitulado "Medo" publicado na Revista Eletrônica O Consolador, Ano 1 - N° 7, 2007